


## **A IDADE MODERNA E A RUPTURA CULTURAL COM A TRADIÇÃO MEDIEVAL: REFLEXÕES SOBRE O RENASCIMENTO E A REFORMA RELIGIOSA**

Odair Vieira da SILVA<sup>1</sup> 

### **RESUMO**

O presente artigo trata de uma época da história da humanidade que vai de 1492 a 1789, conhecida como Idade Moderna. O texto analisa as principais características da ruptura cultural da Idade Moderna em relação à Idade Média, por meio da análise de dois grandes movimentos sociais dessa época, o Renascimento e a Reforma Religiosa. Além desses fatores, busca-se refletir sobre os processos de mudança nas concepções de mundo, de autonomia e de favorecimento da razão humana.

Palavras chave: Educação. Formação. Reforma Religiosa. Renascimento.

### **ABSTRACT**

This article comes from a time in human history that goes 1492-1789, known as the Modern Age. The paper analyzes the main characteristics of cultural rupture of the modern age in relation to the Middle Ages, through the analysis of two large social movements of that time, the Renaissance and the Religious Reform. In addition to these factors, we seek to reflect on the processes of change in world views, and favoring autonomy of human reason.

Key words: Education. Formation. Religious Reform. Renaissance.

## **1. INTRODUÇÃO**

A idade moderna representou uma ruptura com as estruturas sociais, econômicas, políticas, religiosas e culturais da Idade Média. Com a Modernidade desaparece a sociedade de ordens que negava o exercício das liberdades individuais e favorecia os grandes organismos coletivos. Nesse período ocorre a laicização econômica e política da Europa, além das mudanças nas concepções de autonomia e favorecimento da razão humana.

Neste artigo, pretende-se abordar as principais características das rupturas provocadas pela Modernidade que se apresentaram como processos revolucionários em muitos âmbitos, a saber: econômicos, com o fim do sistema feudal e o advento do modo capitalista de produção; políticos, com o nascimento do Estado moderno; sociais, com a formação e afirmação de uma

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia e História da Educação – UNESP/FFC – Marília/SP; Pós-graduado em Gestão do Currículo – USP/FEUSP – São Paulo/SP; Pós-graduado em Ciências Humanas: Cidadania e Cultura – UNICAMP/IFCH - Campinas/SP; Bacharele Licenciado em Geografia – UNESP/FCT – Presidente Prudente/SP; Docente do curso de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF – Garça/SP. E-mail: odairvieira@prof.educacao.sp.gov.br

nova classe social, a burguesia e ideológico-cultural com a laicização e racionalização da vida humana, opondo-se a toda e qualquer forma de dominação e explicação religiosa da realidade.

Além desses fatores, serão abordados os dois grandes movimentos sociais da Idade Moderna, o Renascimento e a Reforma Religiosa. O Renascimento se caracterizou por um revigorado interesse pelo passado greco-romano clássico, especialmente pela sua arte e pela ciência. O Renascimento começou na Itália, no século XIV, e difundiu-se por toda a Europa, durante os séculos XV e XVI. Já a Reforma Religiosa se caracterizou por um movimento cismático dentro da Igreja católica iniciado nos séculos XIV e XV, que colocou em questão a autoridade do papa e provocou a desagregação da Igreja, fazendo surgir então o termo protestante, designação dada aos defensores da religião reformada.

2

## **2. AS ORIGENS DO PENSAMENTO LIBERAL NA IDADE MODERNA**

Segundo Cambi (1999), a modernidade se apresenta com características revolucionárias e de transformações em relação organização econômica, social e cultural da Idade Média. Essas transformações estavam ligadas ao fim do feudalismo e início do modo de produção capitalista, bem como ao fim de uma visão de mundo emblemática, que tinha a igreja como elemento agregador e universalizador.

Por conseguinte, podemos também relatar outros acontecimentos que contribuíram para as mudanças de paradigmas intelectuais da Idade Moderna, tais como os grandes descobrimentos do século XV, o renascimento comercial e urbano e o crescimento populacional europeu (Idem, *ibid*).

Desse modo, as velhas concepções e estruturas sociais, políticas, econômicas e filosóficas da Idade Média vão sendo rompidas. Esse rompimento se deve inicialmente por dois movimentos o Renascimento e a Reforma Religiosa. O Renascimento foi um movimento principiado na Itália no século XIV e difundido por toda à Europa nos séculos XV e XVI. Esse movimento despertou um renovado interesse pela cultura secular greco-romana, principalmente nas artes e nas ciências (RUSSELL, 2004).

Para Châtelet, Duhamel e Pisier (2009), as transformações ocorridas no limiar XVI, ligadas ao Renascimento abalam toda a sociedade da Europa Ocidental. Essas transformações envolviam,

a) as realidades históricas e econômicas (extensão e aplicação – prática das descobertas feitas durante a Idade Média; desenvolvimento da civilização urbana, comercial e manufatureira); b) a imagem do mundo (descoberta do Novo Mundo; revoluções astronômicas de Copérnico e Kepler e física de Galileu); c) a representação da natureza (o universal medieval dos signos é substituído por uma realidade espacial a conquistar e explorar); d) a cultura (a redescoberta da Antiguidade greco-romana pelos humanistas suscita um maior interesse pelo homem enquanto dado natural e pelas especulações ético-políticas); e) o pensamento religioso (a radicalização da contestação do poder e da hierarquia de Roma, esboçada no século XIV por J. Hus, na Boêmia, e Wycliff, na Inglaterra, pelos movimentos que reivindicam o cristianismo primitivo e se apoiam em especificidades “nacionais”). (p. 35)

Para Abrão (1999), esse período foi marcado pelo desenvolvimento da ciência e da técnica. Todavia, embora a ciência do Renascimento tenha elaborado as bases para a arrancada científica do século XVII, ainda guardava sinais do pensamento medieval. No plano político e religioso o papa e o imperador viam seus direitos ignorados, o poder que antes era centrado na figura do papa, aos poucos se transfere para as mãos dos reis, ocasionando o fortalecimento das monarquias nacionais.

Cambi (1999), ainda salienta que com a modernidade entra em declínio a velha sociedade de ordens da Idade Média que de certa forma negava o exercício das liberdades individuais e valorizava, ao contrário, os grandes organismos coletivos a Igreja, o Império, impedindo todo tipo de mudança e intercambio social. Com relação à questão econômica, nesse período ocorre o fim do sistema de produção feudal, ativando assim um novo modelo de economia,

[...] baseada na mercadoria e no dinheiro, na capitalização, no investimento, na produtividade: modelo que implica uma racionalização dos recursos (financeiros e humanos) e um cálculo do lucro como regra de crescimento econômico. Nasce o sistema capitalista, e nasce independentemente de princípios éticos, de justiça e de solidariedade, para caracterizar-se, ao contrário, pelo puro cálculo econômico e pela exploração de todo recurso (natural, humano, técnico). (p. 197)

Nesse ínterim, as transformações pelas quais a sociedade europeia passava, na transição da Idade Média para a Idade Moderna, deram origem à formação de um conjunto de valores, que moldava a visão de mundo do homem moderno. Cambi (1999) ainda articula que a Modernidade opera uma dupla transformação.

[...] primeiro, de laicização, emancipando a mentalidade – sobretudo das classes altas da sociedade – da visão religiosa do mundo e da vida humana e ligando o homem à história e à direção do seu processo (a liberdade, o progresso); segundo, de racionalização, produzindo uma revolução profunda nos saberes que se legitimavam e se organizavam através de um livre uso da razão, a qual segue apenas seus

vínculos internos (sejam eles lógicos ou científicos, isto é, analíticos ou experimentais), opondo-se a toda forma de preconceito. (p. 197 -198)

É importante sublinhar que além desses fatores, durante a Idade Moderna o homem passa a dar maior importância a si mesmo, valorizando sua condição humana e sua capacidade de intervenção na natureza. A visão teocêntrica é sobreposta pela visão antropocêntrica da realidade. Essa perspectiva de mudança é inter-relacionada com dois novos valores da sociedade moderna, o individualismo - valorização do indivíduo, e o racionalismo - valorização da razão (RUSSELL, 2004).

Nesse período ocorre uma profunda transformação cultural e social, culminando com a redescoberta do “[...] valor autônomo do pensamento e da arte, ou então, se dirige para um novo âmbito do saber – científico-técnico – que quer interpretar o mundo *iuxta propria principia*<sup>2</sup> e transformá-lo em proveito do homem” (CAMBI, 1999, p. 196).

De acordo com Abrão (1999), outro fator responsável por essas transformações se devia a ideia de reforma do cristianismo, que gerou um movimento cismático dentro da Igreja católica iniciado “[...] nos séculos XIV e XV, quando foi colocada em questão a autoridade do papa, e a desagregação da Igreja acentuou-se” (p. 171).

Esses movimentos tiveram seus conceitos retomados pela Reforma Religiosa no século XVI, que entre outras coisas reivindica maior participação na vida religiosa e acesso a leitura e compreensão da bíblia que até então era escrita em latim. De maneira semelhante, os ideais dos reformadores também liberaram “[...] os desejos de justiça, igualdade e liberdade. E, com isso, surge uma nova noção: do direito à resistência contra a dominação e opressão” (Idem, ibid, p. 173).

Nesse período a igreja católica passava por uma intensa crise moral provocada pela venda de indulgências e pelos pesados impostos papais. Desse modo, o frade agostiniano alemão Martinho Lutero (1483-1546), veio a público em 1517 e proclamou as noventa e cinco teses que recomendavam que a igreja mantivesse a fé individual com base nos preceitos bíblicos (RUSSELL, 2004).

Por esses atos, Lutero recebeu a bula pontifícia de excomunhão em 1520 e a queimou em praça pública. A reforma iniciada por Lutero aos poucos deixa de ser uma questão religiosa e se transforma em uma questão política, pois, “[...] os príncipes e governantes

<sup>2</sup> De acordo com nossos próprios princípios.

alemães começaram a tomar partido, e logo a Reforma se transformou numa revolta política dos alemães contra o poder mais sutil do papa” (Idem, *ibid*, p. 291).

Em 1521, Lutero produziu um novo testamento em linguagem popular, ajudando a difundir a palavra do Evangelho, tornando evidente a discrepância entre os ensinamentos bíblicos e a ordem social existente. Surge então o termo protestante, designação dada aos defensores da religião reformada. O movimento reformador “[...] se espalhou rapidamente para os Países Baixos, a França e a Suíça. Depois de Lutero, o mais influente reformador foi João Calvino (1509-1564) (Idem, *ibid*, p. 291).

Todavia, Calvino afasta-se de Lutero e elabora uma teoria denominada predestinação levando a doutrina luterana às últimas consequências. Instalado em Genebra, na Suíça, Calvino transforma essa cidade na Roma dos Protestantes, enviando pregadores para várias partes da Europa e inspira o surgimento “[...] do presbiterianismo com John Knox (1505-1572), na Escócia e de várias seitas puritanas na Inglaterra” (ABRÃO, 1999, p. 179).

No cerne dessa situação, Calvino passa controlar a vida civil e política de Genebra de acordo com sua doutrina religiosa contrariando os ideais reformadores que pregavam a separação entre a Igreja e o Estado, além de propagar uma intensa intolerância religiosa.

Para Calvino, porém, controlar o poder civil por meio dos preceitos rigorosos de conduta moral e religiosa – como a proibição da dança, do teatro e de jogos de azar – é passo fundamental no caminho que leva à glorificação de Deus. A intolerância calvinista é enorme, e não poupa nem mesmo os não-fieis. Condena à morte, pela fogueira, os adversários. (Idem, *ibid*, p. 180)

Calvino foi o fundador do protestantismo ascético e inaugura uma profunda ligação entre a religião reformada e a acumulação capitalista. Para a doutrina calvinista o homem, por meio de sua predestinação deveria buscar a riqueza através do trabalho e uma vida ascética que o levaria a manutenção e ao acúmulo de sua fortuna. Para isso o protestante deveria “[...] evitar somente o mau uso da riqueza, como o consumo perdulário, que afasta o homem do trabalho” (Idem, *ibid*, 181).

Segundo Weber (2001), no Calvinismo, a riqueza era condenável somente na medida em que passa a “[...] constituir uma tentação para a vadiagem e para o aproveitamento pecaminoso da vida”. Assim o desejo de pobreza era reprovado, pois “[...] equivalia a querer ser doente, era reprovável do ponto de vista da glorificação do trabalho e derogatório à glória de Deus” (p. 89).

Em razão disso, a combinação entre a procura incansável pela riqueza e a restrição do consumo a coisas banais, resultaram na “[...] acumulação de capital através da compulsão ascética à poupança. As restrições impostas ao uso da riqueza adquirida só poderiam levar a seu uso produtivo como investimento de capital” (Idem, *ibid*, p. 94).

6

Essas tendências econômicas apareceram com maior intensidade na Nova Inglaterra, na Holanda e na Inglaterra do século XVII. A influência de uma concepção de vida puritana influenciou a acumulação de capital e “[...] favoreceu o desenvolvimento de uma vida econômica racional burguesa. [...] tendo sido o berço do moderno homem econômico” (Idem, *ibid*, p. 95).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo vimos que a Idade Moderna representou uma grande ruptura cultural, econômica, política, social e religiosa com as estruturas fixas da Idade Média. Nesse período da história da humanidade tiveram início os processos de laicização do mundo moderno, possibilitando assim a emancipação das condições de vida, de produção e de concepção de mundo, agora possibilitado pelo viés racional e científico.

Para Cambi (1999), todas essas mudanças também provocaram uma revolução na educação e na pedagogia. A formação humana passou a seguir novos percursos baseados em novos valores e modelos fundamentados na laicidade e na razão humana. A escola como instituição passa a ocupar “[...] um lugar cada vez mais central, cada vez mais orgânico e funcional para o desenvolvimento da sociedade moderna” (p. 199). Com a Modernidade surge ainda a pedagogia como ciência, “[...] como saber da formação humana que tende a controlar racionalmente as complexas (e inúmeras) variáveis que ativam esse processo” (Idem, *ibid*, p. 199).

### 4. REFERÊNCIAS

ABRÃO, B. S. *Os pensadores: história da filosofia*. São Paulo: São Paulo: Nova Cultural, 1999.

CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.

CHÂTELET, F; DUHAMEL, O; PISIER, E. *História das ideias políticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

RUSSELL. B. *História do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 2. Ed. São Paulo: Pioneira, 2001.